

Hezbollah: terrorismo, resistência e rupturas do sistema confessional libanês

Por Vinícius Armele dos Santos Leal*

Resumo: O Hezbollah é o produto da história libanesa. As circunstâncias que deram origem ao Hezbollah decorrem da natureza frágil e instável do sistema político libanês na sequência da guerra civil do país e da natureza volátil da região à luz do complicado conflito árabe-israelense. Com a passagem do tempo, o grupo construiu uma série de instituições, algumas militares, principalmente para atender às necessidades cotidianas de um número crescente de constituintes. Sua ideologia evoluiu e se adaptou às realidades do Líbano, mas permanece virulentamente anti-Israel e hostil à hegemonia americana. Nesse sentido, este artigo busca refletir sobre esse partido político que hoje é parte integrante do sistema político, através de um breve panorama histórico do Líbano e de seu sistema confessional. Por fim, analisar o surgimento do Hezbollah para entender o seu papel na política libanesa no pós-guerra.

Palavras-chaves: Hezbollah; Terrorismo; Sistema Confessional.

Abstract: Hezbollah is the product of Lebanese history. The circumstances that gave rise to Hezbollah stem from the fragile and unstable nature of the Lebanese political system following the country's civil war and the volatile nature of the region in the light of the complicated Arab-Israeli conflict. With the passage of time, the group has built a series of institutions, some military, mainly to meet the daily needs of a growing number of constituents. His ideology has evolved and adapted to the realities of Lebanon, but remains virulently anti-Israel and hostile to American hegemony. In this sense, this article seeks to reflect on this political party that today is an integral part of the political system, through a brief historical overview of Lebanon and its confessional frameworks. Finally, analyze the emergence of Hezbollah to understand its role in postwar Lebanese politics.

Keywords: Hezbollah; Terrorism; Confessional Frameworks.

*O pesquisador convidado desta edição é Vinícius Armele dos Santos Leal. Mestre em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense; viniciusarmele@gmail.com

Em Julho de 2017, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, recebeu na Casa Branca o primeiro-ministro libanês Saad Hariri. O Líbano é um pequeno Estado confessional do mediterrâneo, com cerca de 5 milhões de habitantes, dos quais correspondem a 18 denominações religiosas oficiais, e ainda abriga cerca de 1 milhão de refugiados sírios. Durante as suas declarações à imprensa¹, o presidente Trump, ao tratar sobre os desafios e as oportunidades enfrentadas pelo Líbano e seus vizinhos, colocou o grupo militante libanês Hezbollah na mesma sequência que o Estado Islâmico e a al-Qaeda. Ainda, elogiou a atuação do governo libanês por estar na “linha de frente”, naquela que seria a “batalha em conjunto contra o extremismo”.

Contudo, a questão que se coloca é que o Hezbollah, em várias formas, tem sido um agente na vida política crucial no Líbano por décadas. Atualmente, o grupo possui uma delicada relação de partilha de poder com Saad Hariri, e junto aos seus aliados, efetivamente controla o parlamento libanês. Além disso, o presidente do país, o ex-general Michel Aoun, é apoiado pelo Hezbollah e o grupo detém participação fundamental contra o Estado Islâmico na Síria em auxílio do presidente sírio, Bashar al-Assad.

A organização libanesa conhecida como Hezbollah ou o “Partido de Deus” tem sido um ator regional de destaque, presente na política libanesa desde 1982. O grupo ganhou notoriedade internacional com o ataque suicida de 1983, que matou a vida de 241 Marines dos EUA, então estacionados no Líbano. O Hezbollah também foi responsável por uma série de sequestros de reféns dos EUA e outros ocidentais durante a década de 1980, e ataques contra alvos israelenses e judaicos na Argentina durante a década de 1990. Desde a sua criação, o partido tem estado envolvido em uma prolongada luta contra Israel e seu aliado, o Exército do Sul do Líbano (SLA). Forçou os mesmos a se retirarem do sul do Líbano após 18 anos de conflitos, ganhando capital político com a retirada israelense em maio de 2000 e o desmantelamento do SLA.

Porém, cabe observar alguns aspectos específicos do comportamento da organização, como as operações geridas pelo grupo de serviços públicos, as operações comerciais legais e ilícitas e a atuação política de forma mais institucional. Percebe-se então o esforço e a evolução que o Hezbollah realiza para melhor atingir seus objetivos, o que demonstra a dificuldade inerente em definir a configuração do grupo no cenário atual. Em virtude dessa complexidade, este artigo opera levando em consideração a área cinzenta que envolve a atuação de organizações classificadas como terroristas que, apesar de utilizarem formas irregulares de violência para alcançar os seus objetivos políticos, aplicam mudanças em suas diretrizes de comportamento que os levam a transbordar para uma atuação com impactos políticos-institucionais e sociais. Assim, estes grupos não se limitam a uma simples definição dicotômica de “terroristas” ou “guerrilheiros”.

Ao se tratar de formas irregulares de violências, observa-se a diferença principal entre uma guerra convencional e uma irregular. De acordo com Kiras (2002, p. 211), enquanto que na primeira os adversários envolvidos são, em maior ou menor grau, simétricos em equipamentos, treinamentos e doutrina; na segunda definição, os adversários tem capacidades assimétricas e o lado mais fraco, normalmente um grupo não-estatal, busca uma alteração

1 The Washington Post, 25/07/2017

política ao se organizar e lutar de forma mais eficaz que o adversário mais forte.

O objetivo principal deste artigo é refletir sobre esse partido político, profundamente enraizado, e que hoje é parte integrante do sistema político, e como geralmente é reduzido a estereótipos e classificações simples. Este estudo de caso do Hezbollah faz um breve panorama histórico do Líbano e seu sistema confessional, em seguida oferece uma visão geral do surgimento do Hezbollah, sua evolução e seus cálculos políticos, e por fim, trata do seu papel na política libanesa no pós-guerra.

Colonialismo, Imperialismo e Sistema Confessional

Uma questão fundamental para compreender a maior parte dos problemas políticos do Líbano passa pelo antagonismo histórico, marcado no que seria a sua “entidade nacional”. Verifica-se a convivência de elementos políticos derivado do modelo de Estado europeu, a tradição de governos locais anteriores ao colonialismo europeu do século XX e a permanência da confessionalidade no plano político. Nesse sentido, não é possível ignorar a continuidade do componente religioso na construção da nação e do Estado libaneses paralelamente a instabilidade decorrente sobre seu projeto de nação (MEIHY, 2016, p. 54).

Desde o domínio do Império Otomano, a relação entre identidade confessional e a população local passou pelos chamados sistemas de “*millet*”. Estes eram grupos comunitários submetidos ao poder otomano que corroboravam a separação dos súditos do império por critérios religiosos, fortalecendo juridicamente essas comunidades como minorias no interior da estrutura política sunita otomana. A partir do cenário de contradição vivido pelos integrantes dos *millets* otomanos, as potências coloniais europeias do século XIX aproveitaram o argumento da defesa das minorias “desprotegidas” para atuar diretamente sobre as regiões do Império Otomano. A região do Líbano foi uma das regiões onde a intervenção ocidental teve grande destaque, principalmente pelo forte apoio francês favorecendo as comunidades cristãs do império, especialmente os maronitas (MEIHY, 2016, p. 54-56).

Em 1916, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, Inglaterra e França estabeleceram secretamente o Acordo Sykes-Picot que repartiria entre as duas potências ocidentais as províncias otomanas. A partir disso, a região que compreende hoje o Líbano e a Síria ficaria sob o controle francês, sendo reconhecida posteriormente pela Liga das Nações na forma de “protetorado”. Em 1920, a França proclamaria o chamado “Estado do Grande Líbano”, definido como um Estado unitário, supostamente independente, dando forma ao território atual do país. Porém, o Líbano contemporâneo seguiria o padrão de outros países pós-coloniais com população de origem étnica diferente. Mesmo que as composições multiétnicas dessas nações fossem anuladas na forma do discurso ou submetidas à identidade nacional homogênea, os diferentes interesses dos diversos grupos e seus ressentimentos históricos não seriam anulados apenas por canetadas constitucionais (MEIHY, 2016, p. 59).

Apenas em 1943 que o moderno Estado libanês ganharia sua independência do gigante francês. Nessa conjuntura, definiu-se o compromisso político dessa nova república, o chamado *mithaq al-watani* ou o Pacto Nacional, um acordo realizado entre as comunidades

políticas dominantes do cenário libanês – os muçulmanos sunitas e os cristãos maronitas². A maior consequência do Pacto Nacional foi a sedimentação das identidades confessionais no campo político e o reforço da liderança maronita no país (MEIHY, 2016, p. 62).

O sistema político que emergiu do Pacto Nacional foi formalizado em um sistema de comunidades sectárias, ou confissões. Cada uma das seitas do país recebeu privilégio político, incluindo nomeações na burocracia estatal, participação no parlamento e posições em altos cargos políticos, aproximadamente proporcionais ao tamanho da comunidade. Dentre o total de 18 confissões reconhecidas atualmente no país³, as posições políticas mais altas foram concedidas aos maronitas, sunitas e xiitas. Os maronitas, representando a pluralidade dos cristãos, receberam a presidência, que tinha prerrogativas e poderes preeminentes. A segunda maior comunidade, os sunitas, conquistou o cargo de primeiro-ministro. Enquanto a terceira maior, dos xiitas, recebeu a posição de presidente do parlamento, uma posição com poderes constitucionais muito mais fracos do que os demais⁴ (NORTON, 2009, p. 12).

Observa-se a baixa influência da comunidade xiita sobre o sistema político da época. Esta condição deriva de um contexto histórico em que as populações xiitas estavam empobrecidas, subdesenvolvidas e alheias do jogo político. É nesse sentido que uma conjuntura de fatos sociais, conflitos regionais e políticas domésticas moldariam a politização dos xiitas libaneses nas décadas posteriores.

Observava-se uma grande dualidade nesse período histórico do país. Por um lado, o Líbano é considerado a “Suíça do Oriente”, na medida em que a sua imagem representava, aos olhos do mundo, prosperidade econômica, cosmopolitismo e modernidade de um país cravado em uma região repleta de tensões geopolíticas. Por outro lado, verificava-se o reforço das divisões jurídicas comunitárias com a manutenção e criação de leis que atribuíam autoridade política a líderes confessionais libaneses, enfraquecendo a presença do Estado na vida de seus cidadãos (MEIHY, 2016, p. 68-69).

Após a guerra civil na Jordânia em 1970-71, milhares de guerrilheiros palestinos armados se deslocariam para o Líbano, em razão da assinatura dos Acordos do Cairo em 1969, que conferiam o direito de cidadania ao movimento palestino armado chefiado por Yasser Arafat e legalizava assim, a ação palestina em solo libanês (MEIHY, 2016, p. 70). A Organização de Libertação da Palestina (OLP) desafiaria a autoridade do governo de Beirute, aumentando as tensões internas entre os grupos confessionais do país e estabeleceria um virtual “Estado dentro de um Estado”, abrangendo o oeste de Beirute e grande parte do sul

2 Os cristãos maronitas são afiliados à Igreja Católica Romana, mas mantêm suas próprias tradições e práticas. Eles são a maior comunidade cristã do país que ainda inclui os grego-ortodoxos, os armênios e os católicos gregos. Ao todo representam menos de 40% da população do Líbano.

3 Ao final da guerra civil, os coptas se tornaram outra confissão reconhecida, elevando o número total para dezoito. Os dezessete originais incluíam quatro seitas muçulmanas: sunitas, xiitas, alauítas e drusos; doze seitas cristãs: assírios, católicos siríacos, ortodoxos siríacos, caldeus, maronitas, católicos romanos, católicos gregos, ortodoxos gregos, ortodoxos armênios, católicos armênios, evangélicos, e seitas cristãs menores, que são consideradas um grupo; e judeus (NORTON, 2009, p.11).

4 A distribuição dos três poderes foi retificada por reformas políticas em 1989 no acordo *Tai'f* que forneceu a estrutura normativa para terminar a guerra civil de 1975-1990, que custou aproximadamente 150.000 vidas, cerca de 5% da população.

do Líbano. Essa última região é considerada o coração da comunidade xiita do país e já vinha recebendo um influxo de trabalhadores palestinos desde 1948-1949 em razão dos conflitos contra Israel, o que deu início a um processo de mudança demográfica que se acentuou na década de 70 (NORTON, 2014, p. 14).

Dessa forma, quatro grandes tendências políticas distinguem a mobilização política dos xiitas após a década de 1960. Primeiramente o secularismo, que passou a ser uma tendência na qual muitos jovens xiitas se sentiam alienados com a velha forma de fazer política e passaram a ser atraídos com novas forças políticas que prometiam mudanças radicais e revolucionárias. Esse processo pode ser identificado, inclusive, em outros países com populações xiitas como Iraque, Bahrein, Arábia Saudita e Kuwait, atraindo assim muitos jovens nos anos 50, 60 e 70 para alguns partidos seculares da oposição. Segundo Norton, (2014, p. 14), no Líbano, a oposição tomou a forma do Partido Socialista Nacional Sírio (SSNP), do Partido Comunista Libanês (LCP), da Organização para a Ação Comunista do Trabalho e de facções pró-sírias e pró-iraquianas do partido socialista árabe, *Baa'th* (Ressurreição). A segunda tendência era a da libertação – os xiitas são uma comunidade cujo *ethos* enfatiza constantemente a exploração e a desapropriação causada pelas elites governantes, comportamento ligado diretamente às origens do próprio xiismo. Dessa forma, essa questão corroborava diretamente para a percepção de que o destino dessa comunidade estava ligado aos palestinos também desprovidos. As duas últimas tendências se relacionavam ao islamismo e ao reformismo, este último tecia severas críticas ao sistema político libanês.

Com a aproximação da guerra civil libanesa no início da década de 1970 e com o crescimento da presença armada palestina, muitos jovens xiitas acabavam por se associar a uma ou outra das organizações *fida'i*⁵. Esse processo se justificaria não apenas por um compromisso ideológico, mas também pela necessidade de alimentar suas famílias em uma sociedade que oferecia poucas oportunidades econômicas. Durante os anos de 1976 a 1982, o país se desintegrou em uma coleção de enclaves sectários, cada um defendido por sua própria organização miliciana. “A guerra entre facções de milícias tornou-se um modo de vida, e o nome Líbano, que antigamente era um símbolo de harmonia sectária, tornou-se sinônimo de estúpida violência” (CLEVELAND e BUNTON, 2009, p. 386).

Ascensão e evolução do Hezbollah

As circunstâncias que deram origem ao Hezbollah decorrem da natureza frágil e instável do sistema político libanês na sequência da guerra civil do país e da natureza volátil da região à luz do complicado conflito árabe-israelense. O cenário que contribui para a ascensão do Hezbollah abarca circunstâncias políticas, econômicas e sociais da comunidade xiita do Líbano, especialmente quando o país começou a experimentar conflitos civis em meados da década de 1970. A invasão israelense do Líbano em 1982 foi a causa imediata para a criação da organização, em razão da ocupação prolongada do sul do Líbano (HAJJAR, 2002, p. 2).

5 *Fida'i* (utilizado frequentemente como *fedayeen*) é um termo árabe comum para alguém que se sacrifica, isto é, um combatente de guerrilha.

Esta invasão israelense do Líbano em 1982 se realizou sob o pretexto de tentativa de assassinato do embaixador israelense para o Reino Unido, Shlomo Argov, supostamente pela OLP. Contudo, mesmo a tentativa de assassinato tendo sido organizada por um grupo palestino renegado e inimigo da OLP, a invasão serviu como carta branca para o então Ministro da Defesa Ariel Sharon implementar o seu objetivo de destruir a OLP e realizar uma mudança de governo em Beirute pró-Israel (SCHIFF e YA'ARI, 1984 *apud* NORTON, 2014, p. 33). Entretanto, não previu-se que a invasão funcionaria progressivamente para incitar a jovem população xiita na direção de movimentos revolucionários, emulando a revolução islâmica do Irã, e criar as condições para o estabelecimento e o florescimento do Hezbollah ainda no mesmo ano da invasão.

As condições para a formação do Hezbollah combinavam fatores externos e internos para a bem-sucedida formação do Hezbollah nas regiões libanesas em que a população xiita se sentia fragilizada. Sobretudo, nos locais onde as ações sociais do Estado libanês não estavam presentes, o Hezbollah ganhou a simpatia da população local tanto pela eficiência de seu braço armado, mas também por uma rede de escolas, de hospitais e de órgãos de apoio a libaneses diretamente atingidos pelo conflito (MEIHY, 2016, p. 75).

Na percepção do Hezbollah, o governo libanês e as superpotências eram corruptos, ignorando o sofrimento dos muçulmanos que estavam sob ataque em 1982. Nesse sentido, a única resposta seria a luta sob a bandeira do islã, tendo como objetivo libertar o Líbano, colocando o Hezbollah como a força de resistência às ações de Israel e das superpotências. Assim, objetivo final do grupo seria destruir Israel e libertar a Palestina (NORTON, 2014, p. 39). A estrutura do Hezbollah se configura de forma bastante hierárquica, possuindo clérigos em papéis centrais e com uma ligação muito forte com o Irã, uma vez que a liderança religiosa e política iraniana é uma importante fonte de orientação. Diversas entidades organizacionais dirigem e controlam as atividades funcionais e regionais do partido, incluindo serviços sociais e a ala militar (HAJJAR, 2002, p. 8).

Durante os anos iniciais na década de 1980, as primeiras impressões da organização se deram em razão de uma série de cartas abertas que demonstraram uma cultura ideológica assentada numa visão maniqueísta, dividindo o mundo entre opressores e oprimidos, especialmente os Estados Unidos e a União Soviética. Enquanto os Estados Unidos e Israel eram vistos a partir de uma relação simbiótica, e considerados como opressores e “maus”, a URSS também não destoava muito. Segundo o Hezbollah, “em termos de perigo político, na verdade são mais perigosos do que eles [USA] em termos de considerações ideológicas” (AL-“AHD, 1987, p. 12, *apud* NORTON, 2014, p. 36-37). Nesse sentido, dentro do próprio Líbano, o Hezbollah perseguiu diversos membros do Partido Comunista em uma campanha de assassinatos entre 1984 e 1985. Na visão de mundo do Hezbollah, a fragmentação entre os muçulmanos era um produto do imperialismo causado pelos agentes arrogantes e superpotências corruptas do velho e novo colonialismo (NORTON, 2014, p. 37).

A década de 80 foi marcada por uma série de sucessos militares e políticos do Hezbollah que humilharam os Estados Unidos e Israel. O grupo teve papel importante na partida dos fuzileiros navais americanos do Líbano através de ataque suicida; ajudou com o escoramento do acordo entre o Líbano e Israel, em 17 de maio de 1983; e, além disso, a organização

chamava a atenção do mundo com relação aos sequestros e o destino dos reféns ocidentais. Igualmente impressionante foi a retirada forçada israelense, em janeiro de 1985, da maior parte do território libanês em razão do confronto com forças do Hezbollah. Israel anunciou sua decisão de “redistribuir” suas forças e depois se retirou para a região fronteiriça, para a sua autodeclarada “zona de segurança”.

Israel iria manter essa zona de segurança que representava uma área de 10% do território libanês até a sua retirada unilateral em 2000, desrespeitando a Resolução do Conselho de Segurança da ONU 425 de 1978. Durante esses 22 anos de presença israelense, o Hezbollah se tornou tanto o inimigo de Israel quanto um elemento central entre a população xiita no sul do Líbano. A própria permanência de Israel em território libanês também impulsionou uma variedade de grupos em todo o espectro político, incluindo facções do *Baa'th* e partidos comunistas, organizações nasseristas e outros grupos nacionalistas seculares, que começaram a organizar ataques contra as forças de ocupação israelenses. Apesar de o Hezbollah ter sido responsável pela maioria dos ataques durante os anos 1990, esta distribuição de missões e ataques suicidas entre grupos seculares e islâmicos ilustra que esta tática foi motivada mais frequentemente por impulsos nacionalistas e patrióticos do que por inspiração religiosa. Os próprios oficiais do Hezbollah defendiam que sem uma resistência efetiva contra a ocupação, Israel não tinha muitos incentivos para considerar a retirada, visão essa que era amplamente compartilhada no Líbano (NORTON, 2014, p. 79-80).

Com o início dos anos 1990, o fervor inicial da paixão revolucionária que determinava as lideranças do Hezbollah e a sua recusa em se acomodar ao sistema político corrupto libanês, começou a dar espaço para uma visão mais realista e pragmática. Observa-se uma evolução para uma organização com duas faces, que ao mesmo tempo defendia o compromisso feroz de enfrentar a ocupação de Israel no sul do Líbano, enquanto se empenhava precisamente no jogo da política libanesa confessional que eles anteriormente haviam denunciado. Isso pode ser percebido em razão da assinatura do acordo de *Ta'if*⁶ de 1989, que pôs fim à guerra civil entre as milícias libanesas no início de 1990. Neste acordo todas as milícias concordaram com a dissolução das suas forças armadas com exceção do Hezbollah, que justificou a manutenção em virtude do seu compromisso com o término da ocupação israelense, se autoproclamando como “resistência islâmica” (NORTON, 2014, p. 83).

As eleições de 1992, as primeiras após o fim da guerra civil, apresentaram uma questão crucial para o Hezbollah: deveria o partido aderir à sua anterior denúncia do sistema eleitoral confessional como corrupto e rejeitar a participação ou aproveitar o momento e competir nas eleições? Os simpatizantes xiitas sempre tiveram um profundo sentimento de privação de direitos políticos, de modo que a perspectiva de ganhar representação ofereceu esperança de crescente empoderamento político para essa comunidade. O Hezbollah ganharia reconhecimento oficial como uma instituição política no Líbano, bem como um espaço público de destaque, e também seria capaz de influenciar o orçamento para a vantagem dos

6 Além do fim das hostilidades, os assentos no parlamento agora seriam divididos igualmente entre muçulmanos e cristãos, em contraste com a distribuição anterior que favorecia os cristãos por uma proporção de 6 a 5. Os 128 assentos parlamentares são subdivididos ao longo de linhas confessionais: 27 assentos cada para as três seitas maiores.

seus eleitores (NORTON, 2014, p. 101).

Segundo Norton (2014, p. 46), seu objetivo passa a ser de um sistema político aberto com um lugar na mesa do governo, inclusive, afirmando por algumas declarações de lideranças do partido que as posições adotadas em 1985 já seriam obsoletas e não mais uma orientação oficial para o partido. O esforço do Hezbollah garantiu ao partido um considerável número de cadeiras no Parlamento libanês e a admiração de muitos árabes e muçulmanos.

O Hezbollah manteve sua posição eleitoral ganhando rotineiramente cerca de 10% de dos assentos parlamentares, possuindo uma plataforma eleitoral na qual enfatiza a luta contra a exploração econômica e o subdesenvolvimento, as desigualdades no sistema político, a liberdade e a oportunidade pessoais e a segurança. Neste último ponto, capitalizando através da preocupação central que a comunidade xiita possui com a ocupação militar israelense do sul do país. Um ponto bastante interessante ao se analisar a estratégia eleitoral é que o partido, apesar da clara configuração ideológica, não se exprime explicitamente em temas religiosos, em contraste, por exemplo, com grupos fundamentalistas cristãos nos Estados Unidos.

Durante os anos 1990, mesmo com a retração das forças israelenses e a contínua ocupação de parte do território libanês, havia um acordo tácito entre as forças do Hezbollah e as israelenses. Um dos momentos mais críticos das hostilidades entre ambos os países foi o ataque israelense ao território libanês no verão de 2006. O cessar fogo só ocorreu em agosto de 2006 tendo como ponto central para o fim da guerra a decisão, com a Resolução 1701 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de reforçar uma força de paz existente no sul do Líbano, a UNIFIL, criada pela primeira vez em 1978 para supervisionar uma retirada militar israelense na época. As perdas humanas e materiais foram substanciais, aproximadamente US\$ 500 milhões em Israel e cerca de US\$ 4 bilhões no Líbano. Os números de mortos registrados foram de 43 israelenses e 1.109 civis libaneses, 118 soldados israelenses e 28 libaneses, e cerca de 200 membros do Hezbollah, além dos milhares de pessoas que se deslocaram de suas cidades. O que se viu foi a ruína de quinze anos de reconstrução pós-guerra civil (NORTON, 2014, p. 143).

Considerações finais

Apesar do conturbado contexto regional contemporâneo, com uma guerra civil na vizinha Síria se perpetuando desde 2011, o Líbano tem conseguido manter a sua estabilidade, a sua segurança interna, e tem sido um dos poucos exemplos de estabilidade democrática no Oriente Médio. Para alguns autores (CALFAT, 2018, p. 270), o seu arranjo político é um “arquétipo de multiculturalismo bem sucedido”. O sistema confessional libanês é caracterizado pela distribuição proporcional do poder político entre as diferentes comunidades religiosas de acordo com o seu peso demográfico e distribuição geográfica. Inclusive, o Líbano também foi capaz de acomodar novas elites políticas no período pós-guerra civil, especialmente os xiitas, que mostraram compromisso e equilíbrio. Até o momento, a inserção do Hezbollah no sistema como um partido político forneceu mais evidências da capacidade de cooptação do sistema e adequação à realidade doméstica, uma vez que eles seguiram as regras do jogo confessional.

No entanto, o país também testemunhou um aumento nas tensões relacionadas ao sectarismo e à polarização, e precisou de esforços substanciais para evitar que o sistema fosse contaminado por turbulências regionais e grupos extremistas. Especialmente na última década, o país enfrentou constantes rupturas institucionais e sofreu com a intensificação das tensões sectárias, mesmo após o fim da guerra civil. Como exemplos dessas tensões, podemos incluir as crises de governança em 2005 e 2008, o vácuo presidencial de maio de 2014 a outubro de 2016⁷ e as crises persistentes de orçamento, energia, água e eliminação de resíduos de 2015. Ademais, o parlamento adiou as eleições nacionais três vezes desde 2009, alegando preocupações de segurança em relação à instabilidade política e à guerra na Síria. Por fim, o Líbano é frequentemente acusado de ter um Estado-nação frágil, deficiente em termos de defesa militar, promoção de serviços sociais e provisão de bens públicos.

Paralelamente a isso, tensões e intervenções regionais estão intimamente relacionadas às rupturas no sistema confessional libanês. O quadro político regional está passando por reconfigurações importantes de poder nesse sentido. Embora as revoltas árabes não tenham resultado em novas democracias, elas reformularam as relações regionais. As grandes potências tradicionais até então – Egito, Iraque e Síria – perderam a vanguarda, enquanto que países ricos do Golfo, como Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, estão prosperando. A proliferação de Estados enfraquecidos criou novas oportunidades de competição e intervenção, favorecendo novos atores e novas capacidades. A dinâmica regional não é mais determinada por alianças formais e conflitos convencionais entre os principais Estados. Em vez disso, o poder opera através do tráfico de influências e da guerra por procuração. A nova ordem é marcada, mais precisamente, pela desordem (LYNCH, 2018). A intervenção do Hezbollah na guerra síria desde 2012 se insere nessa nova dinâmica. O grupo está inserido nas disputas geopolíticas regionais entre a Arábia Saudita e o Irã em busca da supremacia regional.

Conclui-se, portanto, a grande complexidade que envolve o Hezbollah no cenário libanês. Observa-se o enraizamento dele na cultura e no jogo político de seu círculo eleitoral paralelamente ao uso do seu braço armado e sua posição política no mundo islâmico como membro do movimento de libertação nacional para tentar mudar o delicado equilíbrio político do governo sectário do Líbano a seu favor e a sua atuação em conflitos regionais. Nesse sentido, o Hezbollah é o produto da história libanesa, não caberia reduzi-lo em estereótipos simplistas que normalmente compreendem algumas representações do mundo ocidental, nem por visões maniqueístas de mundo de líderes políticos.

Referências Bibliográficas

7 O país passou por momentos de vácuo de poder político desde a morte do primeiro ministro Rafiq al-Hariri em 2005 o que levou ao estabelecimento de um tribunal penal internacional para o julgamento do assassinato. Com o fim do mandato do presidente Émile Lahoud em 2007 e a não eleição de um novo presidente por razão de não alcançarem consenso, apenas em 2008 o general Michel Suleiman assume o cargo e governa até 2014. Com o fim do seu mandato, um novo vácuo político se inicia e que seria agravado com a guerra civil na Síria e o aumento do fluxo de refugiados.

CALFAT, Natalia Nahas. **The Frailties of Lebanese Democracy: Outcomes and Limits of the Confessional Framework.** Contexto Internacional vol. 40(2) May/Aug 2018

CLEVELAND, William L. and Martin Bunton. **A History of the Modern Middle East**, 4th edition. Westview Press, 2009

GEARAN, Anne. *Trump erroneously says Lebanon is 'on the front lines' fighting Hezbollah, a partner in the Lebanese government.* In: **The Washington Post**, 2017 Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2017/07/25/trump-erroneously-says-lebanon-is-on-the-front-lines-fighting-hezbollah-a-partner-in-the-lebanese-government/?utm_term=.f7421bc06cf9>

HAJJAR, Sami G. **Hizballah: terrorism, national liberation, or menace?** 2002

KIRAS, James D. "Terrorism and Irregular Warfare" In: John Baylis, James Wirtz, Eliot Cohen & Colin Gray (org.), **Strategy in the Contemporary World.** New York: Oxford, 2002

LYNCH, Marc. **The New Arab Order: Power and Violence in Today's Middle East.** Foreign Affairs, 2018

MEIHY, Murilo. **Os libaneses.** São Paulo: Contexto, 2016

NORTON, Augustus Richard. **Hezbollah: A Short History.** Princeton University press. Princeton and Oxford. 2014

PINTO, Paulo Gabriel Hilu. **Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010